

## UMA ABORDAGEM CRISTOCÊNTRICA PARA OS SERMÕES BIOGRÁFICOS

*Dario de Araújo Cardoso\**

### RESUMO

Tomando como base textos de Sidney Greidanus e Bryan Chapell, o presente artigo analisa a pregação biográfica à luz dos conceitos da pregação cristocêntrica do Antigo Testamento, com o objetivo de propor uma reavaliação da hermenêutica aplicada à preparação desses sermões. Inicialmente demonstra a validade da proposta da pregação cristocêntrica à luz do Novo Testamento e dos dois principais reformadores. Em seguida descreve a hermenêutica biográfica exemplarista e aponta os problemas desse tipo de pregação em relação à hermenêutica e à teologia reformada. Esses problemas são a abordagem antropocêntrica, o desvio do foco hermenêutico que leva à moralização, à espiritualização e à tipologização, a fragmentação e a banalização do texto bíblico e o estabelecimento de paralelos inconsistentes e errôneos. E, por fim, ilustra maneiras de como preparar sermões biográficos dentro da perspectiva cristocêntrica-histórico-redentiva: a progressão histórico-redentiva, a tipologia, a analogia e o contraste.

### PALAVRAS-CHAVE

Método cristocêntrico; Pregação biográfica; Hermenêutica, Antigo Testamento.

### INTRODUÇÃO

O lançamento, em 2006, de dois livros do professor Sidney Greidanus pela Editora Cultura Cristã deu importante contribuição para a discussão sobre

---

\* O autor é ministro presbiteriano, mestre em Teologia (Antigo Testamento) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É coordenador e professor da área de Teologia Exegética no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e pastor da Igreja Presbiteriana de Casa Verde, em São Paulo.

a pregação evangélica em nosso país. São eles: *O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo*<sup>1</sup> e *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*.<sup>2</sup> Eles complementam e aprofundam o trabalho de Bryan Chapell, *Pregação Cristocêntrica*,<sup>3</sup> também publicado pela Editora Cultura Cristã, em 2002. Todos eles, em especial o segundo, têm como ponto chave a proposta de que Cristo não é apenas o tema central e principal das Escrituras, mas é, sobretudo, o tema de toda a Escritura. Assim, segundo esses dois autores, todo sermão realmente bíblico se desenvolverá de forma a apresentar Jesus Cristo aos ouvintes. Ainda que tal proposição pareça superdimensionada aos ouvidos contemporâneos, esses autores não se encontram isolados na história da pregação cristã. Pelo contrário, eles ecoam aquilo que disseram lumináres da história da igreja, incluindo Calvino, Lutero e até mesmo os apóstolos. Greidanus os cita fartamente.<sup>4</sup>

Diante dessa proposta, o sermão biográfico no Antigo Testamento parece ser um respeitável desafio prático e será o foco do presente artigo. Primeiramente ver-se-á, a partir de um resumo dos argumentos de Greidanus, qual é a proposta hermenêutica e homilética da pregação cristocêntrica, bem como as razões históricas e teológicas em sua defesa. Em seguida, discutir-se-á a forma de pregação biográfica mais comumente usada, chamada exemplarista, e os problemas hermenêuticos presentes nesse tipo de pregação. Por fim, apresentar-se-á o modelo cristocêntrico proposto por Greidanus, ilustrando sua aplicação nos textos biográficos.

## 1. A PROPOSTA E AS RAZÕES DA PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA

Argumentando sobre a razão pela qual os pregadores modernos deveriam pregar a Cristo, Greidanus escreve que foi essa a ordem que os discípulos receberam do próprio Jesus em sua despedida (Mt 28.19,20), o que mais tarde foi recordado por Pedro: “E nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos” (At 10.42). Vê-se o modo como Pedro realizou esse mandato em sua contundente afirmação no sermão à porta do templo: “Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara *por boca de todos os profetas*: que o seu Cristo havia de padecer ... Disse, na verdade Moisés ... *E todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram*, também anunciaram esse dias” (At 3.18,22,24 – grifos meus). Paulo foi comissionado igualmente segundo as palavras do Senhor a

<sup>1</sup> GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

<sup>2</sup> GREIDANUS, Sidney. *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

<sup>3</sup> CHAPPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

<sup>4</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 87-203.

Ananias: “este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (At 9.15).<sup>5</sup> Diante do rei Agripa, Paulo descreve o modo como a tinha cumprido: “Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, *senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer*, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios” (At 26.22-23 – grifos meus).

Tanto no discurso de Pedro como no de Paulo, deve-se notar a ênfase de que todo o Antigo Testamento anuncia a Jesus e a salvação. Tal atitude não deveria surpreender, uma vez que foi isso mesmo o que os discípulos viram Jesus fazer. Na sinagoga de Nazaré, Jesus leu Isaías 61.1-2, uma referência ao Ano do Jubileu (Lv 25.8-55),<sup>6</sup> e declarou: “Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc 4.18-21). E quando caminhava com os discípulos que iam a Emaús afirmou: “Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!... E, começando por Moisés, discorrendo por *todos os profetas*, expunha o que a seu respeito constava em *todas as Escrituras*” (Lc 24.25,27 – grifos meus). Fica claro que os apóstolos aprenderam com Jesus que não apenas certas passagens do Antigo Testamento testemunhavam acerca dele, mas que todo o Antigo Testamento o fazia. Greidanus conclui:

Por esse breve resumo do Novo Testamento, fica claro que os apóstolos e evangelistas pregavam Cristo a partir do Antigo Testamento. Fica também claro que eles o faziam com integridade, porque criam que o Antigo Testamento se referia a Cristo. Finalmente, é evidente que eles aprenderam esse entendimento cristológico do Antigo Testamento do próprio Jesus, pois Jesus não só modelou em sua vida o cumprimento do Antigo Testamento, como também ensinou “as coisas que a seu respeito constavam em todas as Escrituras” (Lc 24.27).<sup>7</sup>

Na história da igreja deve ser lembrada a bem conhecida máxima de Agostinho: “No Antigo Testamento o Novo é latente; no Novo, o Antigo é patente”. Ele escreveu que há significados escondidos nas Escrituras divinas que devem ser investigados da melhor forma possível, mas sempre com a certeza de que todos os eventos históricos e a narrativa deles são de alguma forma a prefiguração de eventos futuros e devem ser interpretados somente com referência a Cristo e sua igreja.<sup>8</sup> Avançando para a Reforma encontra-se Lutero afirmando convictamente que o testemunho de Cristo é o critério não somente para a boa

<sup>5</sup> Ibid., p. 25.

<sup>6</sup> Ibid., p. 72.

<sup>7</sup> Ibid., p. 79-80.

<sup>8</sup> AGOSTINHO, *City of God*. 16.2. The Ages Digital Library Collections. CD-ROM.

pregação, mas, antes de tudo, para a avaliação dos livros bíblicos.<sup>9</sup> Ele escreveu: “Em toda a Escritura não há nada a não ser Cristo, em palavras simples ou palavras complicadas”.<sup>10</sup> “Se olharmos seu significado interior, toda Escritura é somente sobre Cristo em todo lugar, ainda que superficialmente possa parecer diferente.”<sup>11</sup> Para compreender esse significado interior, Lutero procura ler o Antigo Testamento à luz do Novo.<sup>12</sup> Ainda que não seja tão enfático quanto à abrangência, Calvino deixa claro o seu entendimento acerca da importância de buscar o conhecimento de Cristo no Antigo Testamento:

... nós devemos ler as Escrituras com o expresso propósito de encontrar Cristo nela. Quem quer que se desvie desse propósito, embora possa fatigar-se por toda a sua vida no aprendizado, nunca alcançará o conhecimento da verdade; pois que sabedoria podemos ter sem a sabedoria de Deus?... Por Escrituras, é sabido, aqui se quer dizer o Antigo Testamento; pois não foi no Evangelho que Cristo primeiro começou a ser manifestado, mas, tendo recebido testemunho da Lei e dos Profetas, ele foi abertamente exibido no Evangelho.<sup>13</sup>

Calvino observa que a compreensão sobre Cristo não é tão clara no Antigo Testamento quanto é no Novo, mas isso não significa que o testemunho de Cristo não esteja presente e suficientemente claro aos que buscam por ele. Para Calvino, Cristo está presente no Antigo Testamento de três formas: como o eterno Logos, como promessa e como tipos, imagens e figuras.<sup>14</sup> Greidanus aponta que não há dúvida de que Calvino cria profundamente na presença de Cristo no Antigo Testamento, mas destaca que, por alguma razão, ele não demonstra sentir-se obrigado a destacar essa presença em todo sermão. De fato, a maioria dos sermões de Calvino sobre o Antigo Testamento são mais bem descritos como teocêntricos.<sup>15</sup>

A despeito de toda essa referência, a seguinte ilustração citada por Spurgeon nos parece por demais chocante.

Um jovem tinha pregado na presença de um respeitável teólogo, e ao final foi até o velho ministro e disse: “O que você achou do meu sermão?”. “Um sermão muito pobre de fato”, ele disse. “Um sermão pobre?”, disse o jovem, “ele

<sup>9</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 140.

<sup>10</sup> LUTERO, *WA* 11.223, apud GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 140.

<sup>11</sup> LUTERO, *Römerbrief*, ed. Ficker, 240, apud GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 140.

<sup>12</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 141.

<sup>13</sup> CALVINO, João. *Commentary of the Gospel of John*, 5.39, p. 192. The Ages Digital Library Commentary. CD-ROM. Minha tradução.

<sup>14</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 165-169.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 170.

me custou um longo tempo de estudo”. “Sim, disso eu não duvido”. “Por que você não acha que minha explanação do texto é muito boa?”. “Oh, sim,” disse o velho pregador, “é muito boa de fato”... “Diga-me porque você o considera um sermão pobre?” “Porque,” disse ele, “não há Cristo nele”. “Bem”, disse o jovem, “Cristo não estava no texto; nós não devemos pregar Cristo sempre, nós devemos pregar o que está no texto”. Então o idoso disse: “Você não sabe, rapaz, que de cada cidade, cada vila ou vilarejo na Inglaterra, onde quer que esteja, há uma estrada para Londres? ... Da mesma forma em cada texto da Escritura, há uma estrada... para Cristo. E meu caro irmão, seu trabalho é, quando chegar a um texto, dizer: ‘Então, qual é a estrada para Cristo?’ e então pregar o sermão, percorrendo a estrada até... Cristo. E... eu nunca encontrei um texto que não possuísse uma estrada para Cristo, e ainda que eu ache um que não tenha uma estrada para Cristo, eu faria uma; eu passaria por cima de cercas e valas, mas eu chegaria a meu Mestre, pois um sermão não pode fazer nada de bom a menos que tenha o perfume de Cristo nele.<sup>16</sup>

Essa ilustração não deve ser entendida como se a tarefa de pregar Cristo em todos os sermões devesse ser executada a qualquer preço, inclusive daquelas normas de interpretação que são prezadas por manterem os pregadores fiéis ao ensino proposto pelo texto.<sup>17</sup> Porém, isso deve ser feito como expressão da convicção de que essas normas levarão ao testemunho de Cristo. A questão que se impõe, portanto, é se é possível ser fiel ao significado do texto, um baluarte do método gramático-histórico, e, ao mesmo tempo, imitar os ícones do passado que pregavam somente Cristo. Por outro lado, considerando o testemunho do Novo Testamento e da história, é preciso questionar se os pregadores contemporâneos têm sido fiéis ao significado do texto do Antigo Testamento se, ao contrário do que disseram Jesus e os apóstolos, não percebem o modo como esse texto testemunha de Cristo. Greidanus coloca a questão da seguinte forma:

O que é importante para os pregadores contemporâneos é o seguinte: se o Antigo Testamento realmente evidencia Cristo, então só somos pregadores fiéis quando fazemos justiça a essa dimensão em nossa interpretação e pregação do Antigo Testamento. A tragédia está em que a exegese histórica contemporânea, que procura com tanto empenho recuperar o significado original do Antigo Testamento, geralmente ignora essa dimensão. Embora Cristo seja retratado no Antigo Testamento, pregadores cristãos atuais muitas vezes deixam de notá-lo.<sup>18</sup>

Evidentemente a amplitude do tema nos impede de tratar dessa questão sem impor-lhe limites. Para este estudo foi selecionada a pregação biográfica,

<sup>16</sup> SPURGEON, *Christ Precious to Believers*. Disponível em: <http://www.spurgeon.org/sermons/0242.htm>. Acesso em: 8/3/2007. Minha tradução.

<sup>17</sup> CHAPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 296.

<sup>18</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 80.

por ser um aspecto razoavelmente específico da pregação no qual a questão da pregação cristocêntrica adquire evidente importância. Será bastante explorado um antigo livro do professor Greidanus, *Sola Scriptura – Problems and Principles in Preaching Historical Texts*,<sup>19</sup> onde ele expõe uma controvérsia ocorrida na Igreja Reformada Holandesa sobre o que ele denominou “pregação exemplarista”. Colocando de maneira simples, “a disputa era que os pregadores sobre os textos históricos apresentavam as pessoas mencionadas nos textos como modelos a serem imitados, como exemplos a serem seguidos – daí o termo ‘pregação exemplarista’.”<sup>20</sup> Pregação biográfica e pregação exemplarista não são a mesma coisa, mas serão tratadas em correlação por ser perceptível, como se verá na próxima seção, que a pregação biográfica de nossos dias é predominantemente exemplarista. O intuito final será, então, propor uma abordagem cristocêntrica para os sermões biográficos.

## 2. A PREGAÇÃO BIOGRÁFICA EXEMPLARISTA

### 2.1 Definição e características principais

Encontra-se no site da Aliança Bíblica Universitária uma definição que ilustra claramente o que é o sermão biográfico exemplarista: “O sermão biográfico é um tipo específico de sermão que tem por objetivo expor a vida de algum personagem bíblico como modelo de fé e exemplo de comportamento”.<sup>21</sup> Koller indica que o sermão biográfico é aquele que “é construído em torno de uma pessoa e não de uma verdade central”.<sup>22</sup> Lloyd Perry explica que a biografia trata primeiramente de pessoas e incidentalmente de eventos, enquanto que na história a ênfase se inverte.<sup>23</sup> Assim, o sermão biográfico é aquele que lida com personagens bíblicos e com os eventos dos quais eles são protagonistas. Vê-se facilmente que grande parte das narrativas das Escrituras pode servir a esse propósito, de tal forma que, vista assim, esta pode tornar-se uma importante fonte de material para o pregador. Perry diz, com certo exagero, que há um suprimento inexaurível de material bíblico para a pregação de sermões biográficos, apontando que há 2.930 diferentes personagens na Escritura.<sup>24</sup>

Perry aponta os benefícios da pregação biográfica:

<sup>19</sup> GREIDANUS, Sidney. *Sola Scriptura – Problems and Principles in Preaching Historical Texts*. Toronto: Wedge Publishing Foundation, 1970.

<sup>20</sup> Ibid., p. 8. Minha tradução.

<sup>21</sup> ABU, A Estrutura Homilética. Disponível em: [http://www.abu-ba.com.br/pastoral/esbocos/a\\_estrutura\\_homiletica.html](http://www.abu-ba.com.br/pastoral/esbocos/a_estrutura_homiletica.html). Acesso em: 8/3/2007.

<sup>22</sup> KOLLER, Charles W. *Pregação expositiva sem notas*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 21

<sup>23</sup> PERRY, Lloyd M. *A Manual for Biblical Preaching*. 15ª impressão. Grand Rapids, Michigan, 1992, p. 106.

<sup>24</sup> Ibid.

Pregar sobre personagens da Bíblia dá ao ministro a oportunidade de apresentar de maneira clara o equivalente moderno da experiência de um personagem bíblico. O uso desse tipo de tema subjetivo ajuda a tornar a Escritura vívida com pessoas que enfrentaram situações reais, e com cujas vidas, dificuldades, esperanças e relacionamentos Deus esteve imediatamente ocupado e intimamente envolvido.<sup>25</sup>

Para ele, o sermão biográfico é uma excelente maneira de demonstrar a relevância contemporânea das Escrituras.<sup>26</sup> Greidanus observa que essa abordagem é fruto da busca dos homens por significado nos eventos passados, pela relevância da história, daí seu apelo universal.<sup>27</sup> Koller observa que a pregação sobre personagens bíblicos seja talvez “o modo mais fácil de pregar a Bíblia, o que tem maior probabilidade de atrair as pessoas e prender sua atenção, e o que mais provavelmente será lembrado”.<sup>28</sup> Não é à toa que a abordagem exemplarista da pregação biográfica é tão difundida.

Greidanus aponta que Clemente, o pai da igreja, já usava largamente a abordagem exemplarista. Clemente via a Bíblia como um “livro de modelos éticos”. Havia bons modelos, dignos de imitação, como os patriarcas, Moisés, Jó, Raabe, Davi; e maus exemplos, cujas atitudes devem ser evitadas, como Caim, a esposa de Ló e Esaú.<sup>29</sup>

Justino Mártir relata que os pregadores gostavam de escolher um texto histórico e exortar os ouvintes a seguir o bom exemplo apresentado. Na Idade Média a pregação do Antigo Testamento era recomendada porque “suas histórias fascinavam as pessoas e espelhavam suas vidas”.<sup>30</sup>

Até mesmo Lutero e Calvino não deixaram de ser influenciados pela abordagem exemplarista. Reu cita Lutero: “Esta é a correta compreensão de todo o Antigo Testamento – ter em mente os admiráveis ditos dos profetas acerca de Cristo, compreender e observar os *exemplos admiráveis*, e usar as leis de acordo com nosso bom prazer e torná-las em nosso benefício”.<sup>31</sup> De acordo com Reu, nesta questão algo semelhante pode ser apontado sobre Zuínglio e Calvino: “Os sermões de Zuínglio, e especialmente os de Calvino, sobre o Antigo Testamento têm as seguintes características em comum com aqueles

<sup>25</sup> Ibid., p. 106. Minha tradução.

<sup>26</sup> Ibid., p. 107.

<sup>27</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 10.

<sup>28</sup> KOLLER, *Pregação expositiva sem notas*, p. 28.

<sup>29</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 9.

<sup>30</sup> Ibid., p. 10. Minha tradução.

<sup>31</sup> REU, M. *Homiletics: a manual of the theory and practice of preaching*. 3ª ed. Chicago: Wartburg, 1927, p. 278. Tradução e grifos meus.

de Lutero: eles apresentam os santos do Antigo Testamento como exemplos de padrão e advertência...”<sup>32</sup> De acordo com Huyser:

“Todos os pregadores subseqüentes de tradição reformada – luteranos ortodoxos, calvinistas, puritanos, pietistas, metodistas e batistas – andaram nos passos de Lutero e Calvino... Eles viram, não somente como seu direito, mas também como seu sagrado dever... interpretar e aplicar a história bíblica de uma maneira “exemplarista” e assim estabelecer a linha desde o passado até o presente.”<sup>33</sup>

Braga explica assim o processo de confecção de um sermão biográfico: “Começando com uma passagem um tanto extensa que trate de um personagem bíblico, podemos procurar outras referências a essa pessoa e formar um quadro para um esboço de sermão biográfico”.<sup>34</sup>

De acordo com Perry, a reunião do material para o sermão deve incluir uma pesquisa sobre o significado do nome do personagem, sua história familiar, crises religiosas ou seculares que enfrentou, amizades que desenvolveu, faltas e falhas que possam servir de advertência, suas contribuições para sua época e para a posteridade. Ele indica que o pregador deve estar atento às ideias que tais informações possam sugerir e buscar atender ao desejo da congregação por uma lição da vida do personagem que seja pessoal, indicativa e prática para sua vida diária.<sup>35</sup> Ele adiciona que informações extrabíblicas sobre o personagem podem ser interessantes e que esta é uma especial oportunidade para o uso da imaginação para amplificar os relatos bíblicos, uma vez que ela é necessária para dar vida ao personagem.<sup>36</sup> Na exposição do sermão Koller recomenda duas abordagens: 1. Conta-se a história daquela vida, indicando em cada fase um ponto principal, seguido da lição derivada; ou 2. Primeiro estabelecem-se as lições, como pontos principais, e então esses pontos são desenvolvidos com material derivado da história.<sup>37</sup>

Eis alguns exemplos de sermões biográficos extraídos do livro de Braga:<sup>38</sup>

- 1) De Pecadora a Santa – sobre Raabe
- I. Seu passado trágico: Js 2.1; Hb 11.31; Tg 2.25
- II. Sua fé em Deus: Hb 11.31

<sup>32</sup> Ibid., p. 280. Minha tradução.

<sup>33</sup> HUYSER, Ph. J. Exemplarische Predikind. *Gereformeerd Theologisch Tijdschrift*, L (1950), p. 221 apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 10. Minha tradução.

<sup>34</sup> BRAGA, James. *Como preparar mensagens bíblicas*. 15ª impr. São Paulo: Editora Vida, 2002 (1986), p. 60.

<sup>35</sup> PERRY, *A Manual for Biblical Preaching*, p. 106.

<sup>36</sup> Ibid., p. 108, 111.

<sup>37</sup> KOLLER, *Pregação expositiva sem notas*, p. 21.

<sup>38</sup> BRAGA, *Como preparar mensagens bíblicas*, p. 61.

- III. Sua obra de fé: Js 2.1-6; Tg 2.25
- IV. Seu testemunho bendito: Js 2.9-13
- V. Sua influência maravilhosa: Js 2.18-19; 6.22-23, 25
- VI. Sua posteridade nobre: Mt 1.5; cf. Rt 4.21-22

2) Fé Viva – sobre Raabe

- I. Uma fé que salva: Hb 11.31
- II. Uma fé que opera: Js 2.1-6; Tg 2.25
- III. Uma fé que testifica: Js 2.9-13
- IV. Uma fé que influencia: Js 2.18-19; 6. 22-23, 25
- V. Um fé que dá frutos permanentes: Mt 1.5; cf. Rt 4.21-22

3) O Preço do Mundanismo – sobre Ló

- I. Ele escolheu seu modo de vida: Gn 13.1-13.
- II. Ele persistiu em sua própria escolha: Gn 14.1-16; 2Pe 2.6-8.
- III. Ele sofreu as conseqüências de sua escolha errada: Gn 19.1-38

4) Ganho ou Perda: A Escolha é Nossa – sobre Ló

- I. Podemos escolher nosso modo de vida.
  - 1. Fazendo nossos próprios planos independentemente de Deus, como Ló: Gn 13.1-13
  - 2. Não levando em consideração as associações a que esse tipo de vida nos possa levar, como Ló: Gn 13.12-13, 2Pe 2.6-8
- II. Podemos persistir em nosso próprio estilo de vida.
  - 1. Não dando ouvidos à voz da consciência, como Ló: 2Pe 2.6-8
  - 2. Não dando ouvidos às advertências que Deus graciosamente nos faz, como Ló depois de ser salvo por Abraão: Gn 14.1-16
- III. Devemos sofrer as conseqüências de nossa impiedade.
  - 1. Mediante a possível perda de tudo o que consideramos precioso, como Ló: Gn 19.15-16, 30-35
  - 2. Mediante a perda de nosso próprio caráter, como Ló: Gn 19.1, 6-8, 30-38

Tendo qualificado a proposição do sermão biográfico exemplarista e apresentado exemplos de seu uso, é preciso agora analisá-lo mais sistematicamente.

## **2.2 *Objecões ao uso do sermão biográfico exemplarista***

Greidanus no livro *Sola Scriptura* apresenta uma série de objeções ao uso do sermão biográfico exemplarista. Aqui são apresentadas as quatro mais contundentes: seu caráter antropocêntrico, o desvio hermenêutico e a banalização da Escritura que promove e o estabelecimento de paralelos falsos ou errôneos.

### **2.2.1 É antropocêntrico**

Esse tipo de sermão tem claramente o propósito de exortar os ouvintes a imitar os bons exemplos e evitar os maus exemplos. Algo do tipo “seja como” ou “não seja como”. J. Douma justifica assim esse tipo de pregação:

Nossos pais sabiam muito bem que a história redentiva é uma estrutura unificada com Cristo em seu centro, mas eles ainda sentiam-se livres para tratar separadamente (usando os dados bíblicos) certas pessoas descritas na Escritura, descrevê-las psicologicamente, falar de seus conflitos e desafios, suas forças e fraquezas, e então, traçar paralelos entre as experiências dos santos bíblicos e os conflitos dos crentes hoje. Sem qualquer hesitação nossos pais exaltaram as virtudes dos personagens bíblicos como um exemplo para todos, mas também seus pecados e fraquezas como advertência.<sup>39</sup>

Ainda assim Greidanus aponta que tais sermões promovem o deslocamento da “centralidade de Deus, na literatura bíblica, para a centralidade, no sermão, dos personagens humanos”.<sup>40</sup> Tais sermões são antropocêntricos.<sup>41</sup> Podem se desenvolver tranquilamente sem jamais mencionar a Cristo. E ainda que Deus e Jesus Cristo sejam mencionados, a atenção dos ouvintes é direcionada para o que os homens fizeram. Chapell observa que

há, por certo, aspectos elogiáveis de caráter em muitas figuras bíblicas, porém a Escritura parece tomar muito cuidado em demonstrar quão profundamente se deturpou toda a raça humana para que todos reconheçam a dependência de Cristo para a salvação, santificação e vitória espiritual [...] Pregação expositiva fiel ao intento da Escritura jamais se espanta dos defeitos dos santos da Bíblia, nem alardeia suas forças à parte do socorro divino que torna Deus o supremo vitorioso de cada passagem.<sup>42</sup>

A glória do homem é exaltada quando os ouvintes são instados a agir com a mesma competência espiritual com que agiram os bons personagens bíblicos ou a ter mais competência espiritual que tiveram os maus personagens. Esse desvio pode ser visto nesse sermão de Spurgeon baseado em Marcos 16.14-20 e Lucas 23.6-12.<sup>43</sup>

#### I. Pontos positivos do caráter de Herodes.

1. Embora não tivesse justiça, honestidade e pureza, contudo ele possuía um pouco de respeito pela virtude: Mc 6.14-20.
2. Ele protegeu João Batista por causa da justiça e santidade deste: Mc 6.20.
3. Ele gostava de ouvir João Batista: Mc 6.20.
4. Sua consciência, evidentemente, sofreu grande influência da mensagem de João: Mc 6.20.

#### II. Falhas do caráter de Herodes.

<sup>39</sup> DOUMA, *Heraut*, 1941, no. 3292, apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 43. Minha tradução.

<sup>40</sup> GREIDANUS, *O pregador contemporâneo*, p. 145.

<sup>41</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 65.

<sup>42</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 301.

<sup>43</sup> BRAGA, *Como preparar mensagens bíblicas*, p. 62.

1. Embora respeitasse a João Batista, não se voltou para o Mestre de João: Mc 6.17-20.
2. Não amou a mensagem que João enviou: Mc 6.17-20.
3. Embora fizesse muitas coisas como resultado da mensagem de João, permaneceu sob a influência do pecado: Mc 6.21-26.
4. Mandou matar o homem a quem respeitava: Mc 6.26-27.
5. Acabou zombando do Salvador: Lc 23.6-12.

A menção de Jesus é absolutamente secundária. O que está em questão é apenas a nossa capacidade de agir melhor do que Herodes em alguma situação existencial que seja semelhante à apresentada no sermão. Para Chapell “uma mensagem que meramente defende a moralidade e a compaixão permanece na condição de mensagem não integralmente cristã, mesmo que o pregador seja capaz de provar que a Bíblia exige tais ensinamentos”. A mensagem cristã é subvertida pela ignorância da corrupção da pecaminosidade do homem e pela negligência da graça de Deus que torna a obediência possível e aceitável.<sup>44</sup> É verdade que muitos desses sermões procuram concentrar-se no homem em sua relação com Deus, mas ainda assim são primariamente antropocêntricos. Afinal, nenhum texto bíblico visa ensinar o que podemos fazer para que nos tornemos completos ou aceitáveis a Deus por nossas obras, nem apresentar a piedade como um produto humano.<sup>45</sup>

### 2.2.2 Altera o foco hermenêutico

Tais sermões promovem ainda, dentro do processo hermenêutico, o deslocamento da busca do propósito do autor ao registrar a narrativa para a criatividade do pregador ao interpretá-la. A argumentação de Ernest Best, demonstrada por Greidanus, é particularmente interessante aqui:

... a maior parte do material acerca dos personagens bíblicos “foi registrada para um propósito diferente de nos dar informação a respeito da pessoa em particular” [...] “Os incidentes, nos quais as fraquezas de Pedro são mostradas, não estão registrados, primariamente, para nos falar acerca das fraquezas de Pedro, mas das misericórdias de Deus, que o perdoou”. Dessa forma, argumenta Best, “a seleção de incidentes que temos dado acerca de Pedro tem sido dominada por um interesse diferente do caráter de Pedro em si mesmo. Portanto, é tolice nossa usar esses interesses para construir uma imagem do caráter de Pedro e, então, prosseguir e aplicá-la aos homens em geral. Em vez disso, deveríamos usar os incidentes das fraquezas de Pedro para argumentar em favor da misericórdia e da força de Deus”.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 290.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 294, 304, 309.

<sup>46</sup> BEST, *From Text to Sermon*, p. 90, 91, apud GREIDANUS, *O Pregador Contemporâneo*, p. 145.

Greidanus argumenta que tal uso, que ele chama de moralista, destrói o propósito da Bíblia e o substitui pela agenda do pregador. Kromminga sustenta que “o moralismo facilmente negligencia a intenção do autor e a intenção divina em narrar um dado evento ou permite que a intenção desempenhe um papel somente secundário na aplicação da mensagem à vida”.<sup>47</sup> Schilder apresenta um exemplo contundente contando que na Páscoa se ouviam sermões em que as figuras ao redor de Cristo recebiam atenção primária. Eles falavam dos conflitos internos, confortos e corações endurecidos de Judas, Pedro, Pilatos, Maria, etc., enquanto que o que Cristo fez, o porquê Deus ter levado seu Filho àquela experiência e o que Jesus experimentou em e através das ações daqueles personagens era esquecido.<sup>48</sup> Hoekstra apontou um dos maiores temas da controvérsia de sua época: “Nossa pregação não deve ser a pregação de Pedro ou de Maria, mas deve ser a pregação de Cristo”.<sup>49</sup> O exemplo de Schilder é bastante evidente, mas Holwerda afirma que ele é válido para toda a Escritura:

A Bíblia não contém muitas histórias, mas *uma* história – a história única da revelação constante e contínua de Deus, a história única da obra redentiva e sempre progressiva de Deus. E as várias pessoas referidas na Bíblia têm seu próprio lugar peculiar nessa história única e o seu peculiar significado para ela. Nós devemos, portanto, tentar entender todos os acontecimentos em sua relação um com o outro, em sua coerência com o centro da história redentiva, Jesus Cristo.<sup>50</sup>

Greidanus reconhece que esse é um ideal, um objetivo ainda por alcançar, mas aponta que essa é uma discussão sobre como esse objetivo pode ser alcançado.<sup>51</sup> A questão também “não é primariamente se as verdades apresentadas são bíblicas, mas se essas verdades são realmente reveladas no texto da pregação”.<sup>52</sup> Ele também observa que o que se questiona não é o uso de ilustrações no sermão,<sup>53</sup> nem a possibilidade de retirar ilustrações da Escritura, mas sim o uso da Escritura primariamente como uma fonte de ilustrações.<sup>54</sup>

<sup>47</sup> KROMMINGA, Carl G. Remember Lot's Wife: Preaching OT Narrative Texts. *Calvin Theological Journal* 18 (1983), p. 38. Minha tradução.

<sup>48</sup> SCHILDER, K. Iets over het Gereformeerd Karkter der Lijdesprediking. *De Reformatis*, X (1929/30), p. 204 apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 40. Minha tradução.

<sup>49</sup> HOEKSTRA, T. *De Tegenwoodige Critiek op onze Preeken*, p. 16, apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 65-66. Minha tradução.

<sup>50</sup> HOLWERDA, B. Hoe Lezen we de Heilize Geschiedenis?. *Gereformeerd Mannenblad*, XVIII (1940), p. 27, apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 41. Minha tradução.

<sup>51</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 41.

<sup>52</sup> Ibid., p. 42. Minha tradução.

<sup>53</sup> Ibid., p. 56.

<sup>54</sup> Ibid., p. 57.

Ou seja, se o propósito das narrativas biográficas é ilustrar a vida cristã e se a prática de estabelecer uma correlação direta entre o personagem bíblico e a congregação é coerente com a natureza do texto bíblico.<sup>55</sup> Anglada expõe a matéria da seguinte forma:

O princípio cristológico ou cristocêntrico reformado de interpretação das Escrituras afirma que Cristo é a chave para a interpretação da Bíblia, porquanto toda ela, inclusive o Antigo Testamento, se refere a ele, se concentra nele e dá testemunho dele. O Antigo e o Novo Testamento apresentam dois atos de uma mesma história escrita por Deus, que tem Cristo como principal protagonista. Dificilmente se pode compreender o significado de uma cena dessa história ou o lugar de outros protagonistas ou antagonistas, interpretando-os à parte dos seus lugares e papéis no enredo e das suas relações com o protagonista principal. [...] o conteúdo da Bíblia não consiste em narrativas de eventos aleatórios ou selecionados através de critérios políticos, econômicos, ideológicos ou sociais. Consiste, sim, na história dos atos de Deus com vistas à realização e consumação do plano da redenção por meio de Cristo.<sup>56</sup>

Holwerda admite que um personagem bíblico pode ser usado como ilustração como qualquer outro personagem da história, mas, uma vez que um texto é escolhido como texto base do sermão, ele deve ser tratado de acordo com sua própria natureza e não mais como ilustração.<sup>57</sup>

### 2.2.3 Fragmenta e banaliza o texto bíblico

Em decorrência do tópico anterior, deve-se apontar que a pregação biográfica exemplarista fragmenta indevidamente o texto bíblico e o banaliza. Os textos de Holwerda e Anglada citados acima baseiam-se no conceito de que a história registrada na Bíblia é uma história única e coesa. Schilder afirma que abordagem exemplarista dissolve “a Escritura Sagrada em uma série de fragmentos espirituais e edificantes. A Palavra de Deus única é dividida em muitas palavras sobre Deus, e a única obra de Deus é dissecada em muitas palavras separadas que estão de alguma forma relacionadas com Deus e a religião”.<sup>58</sup>

Ao destacar determinado personagem bíblico tira-se o texto de seu contexto e faz-se surgir uma infinidade de histórias que podem servir a uma multidão de propósitos. Greidanus afirma que “a interpretação fragmentária extrai o ‘santo’ bíblico do contexto total da história redentiva e assim torna-o

<sup>55</sup> KROMMINGA, Remember Lot’s Wife, p. 32.

<sup>56</sup> ANGLADA, Paulo R. B. *Introdução à hermenêutica reformada* – correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos. Ananindeua, Pará: Knox Publicações, 2006, p. 179-180.

<sup>57</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 58.

<sup>58</sup> SCHILDER, K. Christus in Zijn Lijden, I, p. 29 apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 62. Minha tradução.

um homem”.<sup>59</sup> Ou seja, o que torna esses personagens especiais e os acontecimentos referentes a eles dignos de meditação é sua relação com a história da redenção e, finalmente, com Jesus Cristo. Perdida essa relação, pouca diferença poderemos encontrar entre estes e os personagens de outras literaturas religiosas, clássicas ou históricas.<sup>60</sup> Chapell demonstra que “ainda que bem intencionados, esses sermões apresentam uma fé que não se distingue da fé dos unitários, budistas ou hindus moralmente conscienciosos”.<sup>61</sup> Kuyper apontou que nenhum episódio na história da redenção pode ser visto à parte do todo.

Um evento na vida dos patriarcas, um episódio retirado dos conflitos de Davi, um fragmento das experiências dos profetas de Deus não podem apresentar uma cena isolada para a igreja com a adição de certos comentários práticos, pois, assim, a história geral e nacional poderia fornecer variados materiais acerca de pessoas de quem nós temos informações muito mais detalhadas e cujas atividades e palavras são igualmente disponíveis para a adição dos mesmos comentários. Na verdade, todos estes fatos e acontecimentos na história sagrada devem ser tomados como parte de um grande todo, como fragmentos da grande obra da revelação de Deus, como sendo distintos de todas as outras histórias por causa daquilo que Deus realizou em e através desses homens para o futuro da sua igreja e a revelação de sua obra de graça, para a glória de seu nome.<sup>62</sup>

A consideração pela unidade da Escritura e a compreensão do seu valor redentivo são razões suficientes para renegar a abordagem exemplarista das Escrituras. Esse modelo claramente atenta contra a supremacia intrínseca das Escrituras e lança a igreja num imenso mar de interpretações relativas e subjetivas, ainda que possam ser piedosas. Veer adverte que “o conhecimento de que essa história é uma estrutura unificada deveria nos precaver contra essa abordagem fragmentária. Pois o entendimento desta unidade deve de tal maneira nos encher de respeito que não trataremos mais uma pequena subdivisão como uma entidade independente”.<sup>63</sup> A revelação bíblica não estará satisfatoriamente explicada até que os pregadores a tenham relacionado à obra redentora de Deus.<sup>64</sup> E, portanto, a Cristo.

<sup>59</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 69. Minha tradução.

<sup>60</sup> Ibid.

<sup>61</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 308.

<sup>62</sup> KUIPER, A. De Reformatie, Jaarg. XVIII, p. 313, apud VEER, M. B. van't. *Christological Preaching on Historical Material of the Old Testament*. Disponível em: <http://www.spindleworks.com/library/veer/veer2.html>. Acesso em: 8/3/2007. Minha tradução.

<sup>63</sup> VEER, M. B. van't. Iets over Heilshistorie. *Gereformeerde Mannenblad*, XIX (1941), p. 66, apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 63. Minha tradução.

<sup>64</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 293.

#### 2.2.4 Estabelece paralelos falsos ou errôneos

O objetivo de estabelecer um paralelo direto entre o registro bíblico e o presente tende a levar o pregador a estabelecer paralelos ilegítimos e até mesmo a fazer julgamentos errôneos acerca dos personagens bíblicos.

Greidanus apresenta um conhecido exemplo que ilustra bem a diferença entre a abordagem exemplarista e a abordagem histórico-redentiva. Uma pregação sobre as bodas da Caná geralmente recebe a seguinte aplicação: “Como o casal nubente convidou Jesus para o casamento, assim também nós devemos convidar Jesus para vir à nossa casa diariamente, e como Jesus transformou a água em vinho, ele também fará nossa água comum um delicioso vinho”. Entretanto, Holwerda faz a seguinte aplicação do mesmo texto:

É impossível para você convidar a Jesus como eles fizeram porque ele não mais está na terra em sua natureza humana. Portanto, ele não poderá ser convidado para nossa mesa como foi para a deles. Ele não está aqui; Ele ressuscitou. Além disso, não é permitido a você convidar a Jesus como eles fizeram, pois até aquele tempo eles somente o conheciam como Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré... Mas ele tem sido pregado a você como o Cristo. [...] Você é muito mais rico, portanto.

Dessa forma, ao invés de uma aplicação do tipo “então” é igual a “agora”, temos uma “então” não é igual a “agora”.<sup>65</sup> Um marcante contraste deve ser estabelecido para fazer justiça tanto ao texto quanto ao tempo presente.

A situação se torna mais crítica quando a abordagem exemplarista se vê obrigada a negar seu próprio princípio quanto se depara com textos como o de Samuel cortando Agague em pedaços, o suicídio de Sansão ou Jeremias pregando a deserção. Todos esses são bons exemplos, pois foram respostas às exigências da palavra de Deus. Portanto, não podem ser condenados ao mesmo tempo em que não podem ser apontados como modelos a serem aplicados a toda a igreja. Greidanus aponta sobre aqueles que usam a abordagem exemplarista:

Eles simplesmente não podem ser estritos imitadores [dos personagens da Escritura] porque a realidade da distância histórica se impõe sobre seu ponto inicial de que as pessoas no texto são exemplos e espelhos para nós hoje: a força da história quebra o espelho exemplarista. Daí surge a tensão na pregação exemplarista. Por um lado, um marco de equação histórica é aplicado: “os fatos sobre pessoas do passado são transportados para o nosso tempo”; eles são nossos exemplos. Por outro lado, a descontinuidade histórica se introduz neste esquema ideal: as pessoas no texto não se adequam exatamente à nossa situação; nós não podemos fazer literalmente as coisas que eles fizeram.<sup>66</sup>

<sup>65</sup> GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 71. Minha tradução.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 73. Minha tradução.

Surge daí a tendência de espiritualização dos textos históricos. Ao invés de exigir o árduo trabalho de identificar as circunstâncias históricas do texto, seu lugar na história da redenção e, então, sua aplicação ao leitor contemporâneo, o uso da espiritualização oferece o atalho muito mais simples de buscar verdades espirituais por trás dos fatos. Greidanus aponta que, em essência, a espiritualização nada mais é do que alegorização,<sup>67</sup> a busca de verdades espirituais simbolizadas em certas passagens do texto.

Mesmo aqueles que estão comprometidos com a apresentação de Cristo nos textos históricos facilmente se vêem enredados por uma prática similar, que é a tipologização (diferente de tipologia). Busca-se no texto um atalho para Jesus Cristo, sua humilhação, seu ministério, seu sacrifício e sua glorificação. Ainda que a interpretação tipológica seja apropriada para alguns textos, a tipologização não é uma tentativa legítima de descobrir como o texto do Antigo Testamento se relaciona com Cristo. Ela é, muitas vezes, apenas um atalho que despreza o propósito e o contexto em que o texto foi escrito. Veer aponta que esse tipo de artifício para tornar um sermão cristocêntrico, ao contrário do que supõe seu utilizador, se baseia no fato de que o pregador não percebeu o caráter cristológico de determinada porção histórica. Ele afirma que o caráter cristológico de um texto histórico não é salvo pela descoberta de um tipo.<sup>68</sup> Isso não significa que não existam tipos de Cristo na Escritura, mas que deve-se, via de regra, limitar-se aos tipos que foram estabelecidos pelo próprio Senhor e não multiplicá-los arbitrariamente e indiscriminadamente.<sup>69</sup>

Pode-se, portanto, observar a quantidade de problemas relacionados à pregação biográfica exemplarista. Apesar de tão comum e largamente difundida, essa abordagem ao texto bíblico se mostra incompatível com os princípios reformados de hermenêutica e homilética bíblicas. Ela é essencialmente antropocêntrica em sua abordagem e em sua interpretação do texto bíblico. Ao invés de expor os atos, pensamentos e propósitos do Deus triúno, coloca o foco nos atos, pensamentos e personalidade dos personagens e se apoia na criatividade e imaginação do pregador em estabelecer os paralelos que lhe são mais convenientes entre o tempo bíblico e o atual. Ela banaliza a Escritura ao torná-la um depósito de ilustrações pessoais que poderiam ser encontrados em qualquer livro religioso ou personagem histórico. Torna assim indistinto o valor das Escrituras como regra de fé e prática. Desconsidera também o valor histórico dos textos, uma vez que se concentra apenas naquilo que interessa à aplicação moderna e busca fazê-lo através de atalhos como a moralização, a espiritualização e a tipologização. Acima de tudo, a pregação biográfica exemplarista nega o pressuposto apostólico de que o objetivo primário da pregação

<sup>67</sup> Ibid., p. 78.

<sup>68</sup> VEER, *Christological Preaching on Historical Material of the Old Testament*.

<sup>69</sup> VEER, apud GREIDANUS, *Sola Scriptura*, p. 84-85.

é apresentar Cristo aos ouvintes e de que esse objetivo pode ser alcançado em todas as passagens do Antigo Testamento, incluindo assim as narrativas históricas biográficas. Faz-se, portanto, necessária a proposição de uma abordagem diferente para os sermões biográficos. Tal abordagem pode ser alcançada através do método cristocêntrico histórico-redentor proposto por Greidanus.

### 3. A PREGAÇÃO CRISTOCÊNTRICA APLICADA AOS PERSONAGENS BÍBLICOS

#### 3.1 O método cristocêntrico

O método cristocêntrico histórico-redentor ou, simplesmente, cristocêntrico, posiciona-se entre o método teocêntrico de Calvino e o método cristológico de Lutero. Greidanus define assim sua proposição:

O método cristocêntrico complementa o método teocêntrico de interpretação do Antigo Testamento procurando fazer justiça ao fato de que a história de Deus de trazer seu reino sobre a terra é centrada em Cristo: Cristo, o centro da história da redenção, Cristo o centro das Escrituras. Na pregação de qualquer porção das Escrituras, deve-se entender sua mensagem à luz desse centro: Jesus Cristo.<sup>70</sup>

Deve ser deixado claro que o propósito do método não é impor a referência a Cristo a todos os textos, mas ver todas as narrativas biográficas à luz de Jesus Cristo, por compreender ser este o modo correto de entender de toda a Escritura em seus ensinamentos, leis, profecias e visões.<sup>71</sup>

Greidanus explica que o primeiro passo é entender a passagem dentro de seu próprio contexto histórico-cultural. A passagem deve ser ouvida do modo como Israel a ouviu, para só depois ser compreendida nos contextos mais amplos do cânon e da história da revelação. Nesse passo, o pregador deve fazer justiça a três aspectos característicos do texto: o literário, o histórico e o teocêntrico.<sup>72</sup> Tais aspectos serão contemplados na aplicação dos cânones da exegese histórico-gramatical. Para os nossos propósitos, deve-se destacar, como o faz Greidanus, a importante pergunta sobre “o que essa passagem revela a respeito de Deus e sua vontade”.<sup>73</sup> Esse questionamento chama a atenção para o fato de que Deus revelou-se e fez registrar essa revelação na Escritura.<sup>74</sup> Faz o pregador desviar-se da tentação de focar sua atenção simplesmente no personagem, ou mesmo na relação entre o personagem e Deus, mas, primariamente, na relação entre Deus e o personagem. De acordo com Chapell, “por

<sup>70</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 259.

<sup>71</sup> Ibid.

<sup>72</sup> Ibid., p. 259-262.

<sup>73</sup> Ibid., p. 262.

<sup>74</sup> Cf. *Confissão de Fé de Westminster*, I.1

concentrar no que Deus está efetuando mediante o registro de cada evento, o relato de cada personalidade, e os princípios em cada ensino, o pregador protege a mensagem de se degenerar em adoração de mero herói humano”.<sup>75</sup>

Em seguida deve-se compreender que os textos não podem ser entendidos isoladamente, mas devem ser entendidos dentro do contexto de toda a Bíblia e da história redentora.

Um sermão cristão sobre o Antigo Testamento necessariamente irá na direção do Novo Testamento. Isso é óbvio quando o texto contém uma promessa que é cumprida em Cristo: o pregador não pode parar na promessa, mas, naturalmente, irá prosseguir com o sermão até o seu cumprimento. O mesmo ocorre quando o texto contém um tipo que é cumprido em Cristo: o sermão vai do tipo para o antítipo. Isso também acontece quando o texto relata um tema que é mais desenvolvido no Novo Testamento: no sermão, o pregador vai do tema do Antigo Testamento para seu desenvolvimento mais completo no Novo Testamento.<sup>76</sup>

Tal necessidade pode ser estendida a todos os textos, pois firma-se no princípio de que a Escritura registra a história única da redenção. Cada episódio não está isolado em si mesmo, mas conduz o leitor em direção ao clímax, no caso do Antigo Testamento, ou decorre dele, no caso do Novo Testamento. Essa progressão pode ser observada tanto como continuidade quanto como descontinuidade,<sup>77</sup> mas sempre haverá correlação. Sendo Cristo o clímax da história redentiva, deve-se perguntar por qual caminho esse texto pode chegar a Cristo? De acordo com Greidanus: “O caminho da progressão histórico-redentora? Da promessa-cumprimento? Da tipologia? Da analogia? Dos temas longitudinais? Ou do contraste? ... [ou] as referências do Novo Testamento[?]”.<sup>78</sup>

### 3.2 Caminhos para pregar Cristo

No que se refere às passagens biográficas quatro desses caminhos parecem ser mais adequados à pregação: o da progressão histórico-redentiva, o da tipologia, o da analogia e o do contraste.

#### 3.2.1 Progressão histórico-redentiva

A história da redenção é o registro dos atos de Deus para redimir o seu povo e restaurar sua criação. Assim, toda ela é centrada em Deus. As narrativas são descrições desses grandes atos e feitos de Deus. “O reconhecimento de que a história redentora é centrada em Deus é importante porque estabelece a ligação com o ato culminante de Deus em Cristo.”<sup>79</sup> Assim, deve-se perceber

<sup>75</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 320.

<sup>76</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 263.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 264.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 266. Para a definição de cada um, ver p. 233-257, 267-314.

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 269.

nas narrativas o pulsar escatológico da salvação de Deus em curso e reconhecer o seu cumprimento na primeira e segunda vindas de Cristo.<sup>80</sup> Localizando a passagem dentro dessa história, pode-se traçar uma linha consistente e segura entre o relato biográfico e Jesus Cristo.

Por exemplo, ao aplicar o método cristocêntrico ao relato do enfrentamento entre Davi e Golias em 1 Samuel 17, não isolaremos a passagem apresentando “Davi à congregação como um herói cuja coragem devemos imitar ao lutar contra nossos ‘Golias’ particulares”.<sup>81</sup> É óbvio que o texto registra a história pessoal de um jovem que matou um gigante filisteu com apenas uma funda e uma pedra. Uma história única e extraordinária. Entretanto, o interesse do autor bíblico não está aí. Ele quer mostrar que esse enfrentamento é uma

parte importante da história nacional e real de Israel: Samuel acabara de ungir secretamente o jovem pastor como rei de todo o Israel (1Sm 16). Em seguida (1Sm 17), o jovem pastor-rei salva Israel de seu arquiinimigo, matando Golias. A mensagem é: Davi, o rei ungido de Deus, livra Israel e garante sua segurança na terra prometida.<sup>82</sup>

Passa-se, então, à consideração do relato dentro da história redentora. Pergunta-se o que essa passagem ensina sobre Deus e seus atos. Nesse texto deve-se notar que

Davi não depende de sua própria força ou de armas ou de habilidade [...] (1Sm 17.45-47). A essência dessa história, portanto, é mais que Israel [sic] vencer o inimigo de seu povo; a essência é que o próprio Senhor derrota os inimigos do seu povo. Esse tema localiza a passagem na estrada principal da história do reino de Deus que leva diretamente à vitória de Jesus sobre Satanás [...] Assim, a batalha entre Davi e Golias é mais que uma luta pessoal; é mais que o rei de Israel vencendo um poderoso inimigo – é um pequeno capítulo na batalha entre a semente da mulher e a semente da serpente.<sup>83</sup>

A partir daí, pode-se fazer diversas aplicações dependendo das condições da igreja moderna. Entretanto, a mensagem deve permanecer em torno do confronto entre Deus e os inimigos de seu povo, vencido pela obra de Cristo na cruz e a ser consumada na segunda vinda de Cristo. Esse mesmo conflito básico pode ser visto nos conflitos entre Abel e Caim, Isaque e Ismael, Jacó e Esaú, Moisés e Faraó.<sup>84</sup>

<sup>80</sup> Ibid., p. 270.

<sup>81</sup> Ibid., p. 271.

<sup>82</sup> Ibid., p. 271-272.

<sup>83</sup> Ibid., p. 272.

<sup>84</sup> Ibid., p. 282.

### 3.2.2 Tipologia

O desvio da tipologização não deve inviabilizar o uso da tipologia na interpretação das narrativas bíblicas. A discussão sobre o que é a tipologia e como pode ser usada é bastante acirrada, mas é evidente que este foi um dos modos pelo qual os autores do Novo Testamento interpretaram o Antigo. Chapell define tipologia como “o estudo das correspondências entre pessoas, eventos e coisas que primeiro aparecem no Antigo Testamento [...] para preparar ou expressar de modo mais completo as verdades de salvação do Novo Testamento”.<sup>85</sup> O aspecto primário da discussão é se o autor do texto veterotestamentário compreendia o sentido tipológico do relato. Em alguns casos, especialmente nos salmos e nos profetas, é possível dizer que sim. Entretanto, Greidanus afirma: “Suspeito que a maioria dos tipos não seja profético, mas pessoas e acontecimentos específicos são vistos mais tarde como tendo significado tipológico”. Ou seja, a maioria dos tipos bíblicos não são preditivos, mas descobertos somente à luz de sua realidade neotestamentária em Jesus Cristo. Isso não significa que devemos impor um novo significado ao texto, mas “simplesmente entender esse acontecimento no seu pleno contexto histórico-redentor”. Isso porque, ainda que a relação só tenha sido vista posteriormente, na perspectiva de Deus ela sempre esteve ali e o texto foi registrado com o propósito implícito de estabelecê-la.<sup>86</sup>

Para que se evite o perigo da tipologização, Greidanus aponta quatro características básicas de um verdadeiro tipo. Um tipo autêntico é histórico, se refere a acontecimentos, pessoas ou instituições. É teocêntrico, isto é, refere-se aos atos de Deus em e por meio de pessoas e acontecimentos. Exibe uma analogia significativa com seu antítipo: deve-se evitar estabelecer a relação através de detalhes. Por último, a relação de um tipo autêntico com seu antítipo é marcada pela progressão. Disso decorre que não se deve dispensar a interpretação histórico-literária, pois esta servirá de base indispensável para a interpretação tipológica correta. Outro aspecto importante é estabelecer o caráter simbólico da pessoa nos tempos do Antigo Testamento. Se este significado não estiver presente não é possível aplicar a interpretação tipológica.<sup>87</sup>

Como exemplo da aplicação da tipologia pode-se citar

pessoas como Moisés, Josué, os juízes e os reis, mediante os quais Deus livrou o seu povo e buscou estabelecer seu reinado (teocracia – governo de Deus). Essa obra redentora de Deus por meio de seus líderes ungidos os qualifica como tipos de Cristo, por meio de quem Deus, no final, libertaria seu povo e estabeleceria seu reino sobre a terra. Também descobrimos sumos sacerdotes e sacerdotes

<sup>85</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 297.

<sup>86</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 284-287.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 287, 290-293.

que são tipos de Cristo ao oferecer sacrifícios em expiação pelos pecados do povo, e interceder por eles.<sup>88</sup>

Em cada uma dessas situações, o uso da tipologia mostra-se um meio adequado de interpretar e aplicar o texto bíblico. Nelas, o pregador de sermões biográficos terá a oportunidade demonstrar os componentes da obra de Cristo, bem como apresentar os aspectos distintivos e superlativos de Cristo em relação à obra daqueles que ilustraram seu ministério.

### 3.2.3 Analogia

A analogia também pode ser utilizada na abordagem de textos biográficos. Já foi visto que não se deve, simplesmente, estabelecer relação direta entre o personagem e o crente. Para respeitar a unidade da história redentora e a continuidade entre Israel e a Igreja, o pregador deve perguntar que aspectos semelhantes há entre a relação de Deus com o personagem e a relação de Deus com os crentes da atualidade. O interesse não deve estar apenas na aplicação relevante do texto, mas em estabelecer o ponto de continuidade fundado em Cristo. “... por meio de Cristo, Israel e a Igreja se tornaram o mesmo povo de Deus: destinatários da mesma aliança de graça, partilhando da mesma fé, vivendo a mesma esperança, procurando demonstrar o mesmo amor”. Assim, os atos de Deus em favor dos personagens, seus ensinamentos e exigências são, em muitos aspectos, aplicáveis às pessoas da atualidade.<sup>89</sup> Chapell orienta que é preciso definir o objetivo planejado pelo Espírito Santo e identificar a necessidade bíblica que os ouvintes compartilham com aqueles que “viviam na situação bíblica que requereu o escrito inspirado”<sup>90</sup> e apresenta o seguinte procedimento hermenêutico:<sup>91</sup>

I. Identificar os princípios redentores evidentes no texto.

A) Aspectos revelados da natureza divina que concedem redenção

B) Aspectos revelados da natureza humana que necessitam de redenção

II. Determinar que aplicação esses princípios redentores hão de exercer na vida dos crentes no contexto bíblico.

III. À luz dos características humanos comuns ou das condições que os crentes contemporâneos partilham com os crentes bíblicos, aplicar os princípios redentores à vida contemporânea.

Greidanus exemplifica que ao se pregar sobre Jacó em Betel (Gn 28.10-22), pode-se “ressaltar que enquanto Israel aprendia a respeito da presença

<sup>88</sup> Ibid., p. 296.

<sup>89</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 297-299.

<sup>90</sup> CHAPPELL, *Pregação cristocêntrica*, p. 288.

<sup>91</sup> Ibid., p. 323.

protetora de Deus por meio da experiência de Jacó em Betel antes de sua perigosa viagem, assim Cristo promete estar conosco” em todos os dias de nossa vida (Mt 28.20).<sup>92</sup>

### 3.2.4 Contraste

O próprio conceito de progressão da história redentora implica no contraste entre o Antigo e o Novo Testamento, e até mesmo entre este e a atualidade. Contudo, isso não inviabiliza o trabalho do pregador. Somente que tais passagens devem ser pregadas à luz da revelação final de Deus em Cristo, demonstrando os contrastes presentes. Esses contrastes são centrados em Cristo, “pois é ele o responsável por quaisquer mudanças entre as mensagens do Antigo e do Novo Testamento”.<sup>93</sup>

Greidanus apresenta dois exemplos do uso do contraste em passagens biográficas. Gideão foi obediente a Deus destruindo o altar de Baal e salvando Israel dos midianitas, porém, mais tarde, fez uma estola sacerdotal e desviou Israel do Senhor (Jz 6-8). Cristo, porém, é o Salvador perfeito que nos liberta de nossos pecados e de nossos inimigos, incluindo a morte, e nos aproxima do Pai numa aliança que jamais será quebrada (Jo 10.27-30). Esdras e Neemias lutaram para que a santidade fosse para além dos limites do templo e incluísse todo o povo de Jerusalém. Zelaram também para excluir todos os que não pertenciam a Israel. Cristo, porém, desfaz a divisão entre judeus e gentios e faz de ambos um só povo santo ao Senhor (Ef 2.14-18).<sup>94</sup>

Essas quatro abordagens permitem ao pregador tratar o texto com fidelidade histórica e literária, sem abrir mão de seu compromisso teológico de reconhecer a centralidade de Deus e de seu Cristo em cada passagem da Escritura. Também não o impedirá de ser relevante, uma vez que expõe a seus ouvintes verdades precisas e bem fundamentadas sobre a pessoa, ministério e ensino de Cristo.

## CONCLUSÃO

Os estudos de Greidanus e Chapell tornam imperativo aos pregadores evangélicos o dever de reavaliar teologicamente a hermenêutica aplicada à preparação de sermões. O ensino bíblico apostólico e os personagens da ortodoxia eclesiástica, como Lutero, Calvino e Spurgeon, ensinam a necessidade do reconhecimento da centralidade de Jesus Cristo, sua pessoa, obra e ensino em todas as passagens da Escritura e não somente naquelas especificamente consideradas messiânicas. No que tange à pregação biográfica esse dever torna-se urgente uma vez que a hermenêutica exemplarista, quase que universalmente

<sup>92</sup> Ibid., p. 299.

<sup>93</sup> Ibid., p. 308-309.

<sup>94</sup> GREIDANUS, *Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento*, p. 310.

aplicada a esses sermões, mostra-se antropocêntrica, desvia o pregador e sua congregação do foco e do propósito da Escritura, despreza a unidade histórica da redenção e banaliza as porções bíblicas equiparando-as a qualquer outro livro histórico ou religioso. Além disso, falseia o ensino cristão estabelecendo paralelos inconsistentes, e até mesmo errôneos, entre os personagens bíblicos e os ouvintes da atualidade, refugiando-se na moralização, na espiritualização e na tipologização para atribuir relevância aos relatos bíblicos. Por isso, o retorno à centralidade de Deus em Cristo, de modo especial nos sermões biográficos, é uma exigência que não pode ser desprezada sem que grandes prejuízos continuem a ser impostos à pregação cristã da atualidade. Como foi visto, o método cristocêntrico-redentor do professor Greidanus é uma alternativa viável para o cumprimento dessa exigência, visto que mantém o zelo pela interpretação literária e histórica preconizada pelo método gramático-histórico de interpretação, ao mesmo tempo em que desafia o pregador a considerar teologicamente a mensagem do texto no âmbito da história da redenção, objeto da revelação bíblica, e de seu centro e plenitude, Jesus Cristo. A partir de então, o pregador estará preparado para anunciar fielmente o ensino do texto bíblico e aplicá-lo com segurança à realidade de seus ouvintes.

### ABSTRACT

Taking as its basis texts by Sidney Greidanus and Bryan Chapell, this article analyzes biographical preaching in light of the concept of Christological preaching in the Old Testament, with the intent of proposing a reevaluation of the hermeneutics applied to the preparation of such sermons. Initially it demonstrates the validity of the Christocentric preaching approach in light of the content of the New Testament and the teachings of the two main Protestant reformers. Then it describes the exemplarist biographical hermeneutics and points to the problems of this type of preaching vis-a-vis Reformed hermeneutics and theology. These problems are the anthropocentric approach; the deviation of the hermeneutic focus that leads to moralization, spiritualization, and typologization; the fragmentation and banalization of the biblical text, and the establishment of inconsistent and erroneous parallels. Finally, it illustrates ways to prepare biographical sermons from the Christocentric, historic-redemptive perspective: historic-redemptive progression, typology, analogy, and contrast.

### KEYWORDS

Christocentric method; Biographical preaching; Hermeneutics, Old Testament.

